

# Síndrome de Down

Moacyr Daemon



A pessoa com Síndrome de Down não é uma caixinha de problemas. É necessário levantar suas dificuldades com o fim de possibilitar o conhecimento das especificidades do aluno para que os profissionais da educação possam observar até que ponto estas interferem na prática de ensino. Muitas incompreensões decorrem do fato de os pais, frequentemente, omitirem a condição especial de seus filhos no ato de matrícula nas escolas. A realidade da criança não deve ser percebida como uma dificuldade, pois cada indivíduo tem suas especificidades.

Existem diferenças entre todas as pessoas. No caso dos portadores da Síndrome de Down, alguns não conseguem desenvolver a capacidade da fala, mas muitos outros podem se desenvolver ao ponto de chegar ao ensino profissionalizante, ganhar seu sustento e morar sozinhos, chegar quase ao nível universitário. Acredito que os professores devam procurar fazer o máximo para que essas crianças desenvolvam suas potencialidades, sem sentimento de culpa caso os resultados não apareçam. Dado que a memória imediata é deficiente naquelas crianças, e representa fator fundamental no processo cognitivo, é necessário aplicar-lhes, constantemente, atividades — inclusive no período de férias.

Professores e alunos precisam estar motivados, ter desejo e comprometimento. Para o enfrentamento do fracasso escolar, considero indispensável a realização de atividades em grupo e o estímulo para a pesquisa como estratégia para a aprendizagem. A escola e as famílias devem se preocupar com: a formação continuada dos professores; estudos e trabalhos em equipe (para a troca de experiências, sobretudo com especialistas no ensino a excepcionais); aprendizagem consistente, através de repetições; estabelecer expectativas bem definidas para o aluno; dividir tarefas em pequenas etapas; fazer elogios; dar tempo para respostas; respeitar as capacidades e necessidades de cada aluno; evitar distrações do aluno; trabalhar com grupos pequenos (as instruções serão melhor compreendidas).

No que diz respeito à relação entre as famílias e as escolas, inexistem regras predeterminadas para definir o que o aluno pode ou não aprender em função de sua “deficiência”. Cabe à escola oferecer uma gama cada vez maior de conhecimentos para que o aluno, em seu tempo, possa apropriar-se deles. A instituição escolar tem de fazer todas as adaptações necessárias para proporcionar o aprendizado mais amplo do aluno, sem, necessariamente, alterar a sua metodologia. Entretanto, devem ser evitadas atitudes como a intransigência dos diretores em aceitar a condição especial desse aluno.

As pessoas com Síndrome de Down mostram menor capacidade de interpretar e analisar acontecimentos externos. Portanto, trata-se de se trabalhar, desde muito cedo, a narrativa com a criança (a partir dos 4 anos). O isolamento pode ser uma consequência da sua dificuldade de comunicação. Constitui fator muito importante na superação desse problema a convivência com outras crianças que apresentem a mesma deficiência. Nesse processo de socialização, é fundamental aproveitar as atividades lúdicas, até

mesmo para o desenvolvimento de várias capacidades cognitivas, como a matemática (na contagem do placar de jogos, par ou ímpar, etc).

Os principais problemas de comportamento de crianças, adolescentes e adultos com Síndrome de Down são: ritualização, impulsividade, sexualidade, problemas para dormir (apneia durante o sono) e fobias. Em relação à sexualidade, deve-se compreender que, durante a adolescência, eles enfrentam transformações como qualquer ser humano, algo que requer, muitas vezes, acompanhamento psicológico.

Numa sociedade muito diversificada, o ensino inclusivo transmite aos demais alunos a noção de que se deve aceitar aqueles que são diferentes. Alocar os alunos com deficiência em escolas ou classes especiais impede a socialização benéfica e passa uma mensagem destrutiva de intolerância. Atualmente, o trabalho de estimulação e escolarização tem proporcionado o desenvolvimento de habilidades, o que aumenta a possibilidade de integração social do indivíduo. Apesar das habilidades desenvolvidas, falta um sujeito que possa fazer uso delas — o deficiente continua a ser objeto das ações dos outros. Precisamos mudar essa realidade para que os alunos com essas necessidades possam ter seu espaço.